

A palavra de Deus e a influência cósmica do espírito nas escrituras sagradas das religiões

The Word of God and the Cosmic Influence of the Spirit in the Sacred Scriptures of Religions

Cleverton D. Epormucena¹

Resumo: No século XXI temos percebidos muitas contrariedades e violências geradas em nome de Deus, geralmente, com base em uma interpretação equivocada de textos Sagrados, e se tratando das Sagradas Escrituras Cristãs torna a temática ainda mais desafiadora de ser abordada em uma perspectiva ecumênica e inter-religiosa, se são Escrituras Sagradas porque então à utilizamos para legitimar escravidão, intolerância, mortes e violências contra outras religiões e seus textos Sagrados? As Sagradas Escrituras foram e ainda são usadas por vezes, de modo negativo, para legitimar mortes em nome de Deus, a chamada guerra santa na idade média, durante dois séculos travou-se guerras sangrentas em nome da fé, cristãos contra muçulmanos em batalhas épicas às quais visavam conquistar Jerusalém das mãos dos muçulmanos. Podemos defini-la como a luta pelo poder, da dominação religiosa sócio política, não eram batalhas que visavam a promoção da vida e os direitos humanos e sim batalhas que visavam somente a si mesmos, lutando em nome de Deus quando Ele mesmo não tinha nada com tamanha, crianças morriam, os incapazes obrigados a irem a guerra para derramarem sangue em nome do Divino, tendo como base às Escrituras Sagradas. Estas muitas batalhas travadas, nos remetem a pensar nas lutas europeias, travadas entre 1095 e 1291 que receberam o nome de cruzadas, fazendo referência a cruz bordada na roupa dos cavaleiros, milhares de mortos, soldados “cristãos” escudados atrás de símbolos sagrados, ao menos deveriam ser símbolos sagrados, escravizando

Artigo recebido em: 01 fev. 2020
Aprovado em: 29 de junh. 2020

¹ Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Teologia, Curitiba, PR, Brasil, e-mail: clevertonduarte@outlook.com
Fundação Araucária: Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná

peças e cometendo atrocidades em nome de Deus e a base mais uma vez eram às Escrituras Sagradas cristãs, seu objetivo final eram a cidade onde Jesus viveu, Jerusalém. Devemos pensar, se são escrituras sagradas então tem o dever de promover a vida terrena com a máxima expressão de Jesus, “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo” (Mc 12, 33). Escrituras que não contribuem para a promoção da vida não são escrituras sagradas, “são letras” a letra não é a palavra de Deus, são transmissões, a palavra de Deus está por trás das letras das Escrituras Sagradas, por isso devemos encontrar nelas onde estão as palavras de Deus, se valoriza a vida é de Deus, se mata não pertence a Deus.

Palavras-chave: Profetas; Escrituras Sagradas; Religiões; Inspiração.

Abstract: In the 21st century we have noticed many setbacks and violence generated in the name of God, usually based on a misinterpretation of Holy texts, and when dealing with Christian Holy Scriptures it makes the theme even more challenging to be approached in an ecumenical and interreligious, if they are Holy Scriptures why then do we use them to legitimize slavery, intolerance, deaths and violence against other religions and their sacred texts? Sacred Scripture has been and still is sometimes used in a negative way to legitimize deaths in the name of God, the so-called holy war in the Middle Ages, bloody wars in the name of faith have been fought for two centuries, Christians against Muslims in epic battles to which they sought to conquer Jerusalem from the Muslims. We can define it as the struggle for power, for socio-political religious domination, it was not battles aimed at promoting life and human rights, but battles that aimed only at themselves, fighting in the name of God when He himself had nothing with so much, children died, the incapable ones forced to go to war to shed blood in the name of the Divine, based on the Holy Scriptures. These many battles fought, lead us to think of the European struggles, fought between 1095 and 1291, which received the name of crusades, making reference to the cross embroidered on the clothes of the knights, thousands of dead, “Christian” soldiers shielded behind sacred symbols, while less should they be sacred symbols, enslaving people and committing atrocities in the name of God and the basis once again was on the Christian Holy Scriptures, their ultimate goal was the city where Jesus lived, Jerusalem. We must think, if they are sacred scriptures, then it is our duty to promote earthly life with the utmost expression of Jesus, “Love God above all things and your neighbor as yourself” (Mk 12:33). Scriptures that do not contribute to the promotion of life are not sacred scriptures, “they are letters” the letter is not the word of God, they are transmissions, the word of God is behind the letters of the Holy Scriptures, so we must find in them where they are the words of God, if life is valued it is from God, if it kills it does not belong to God.

Keywords: Prophets; Holy Scriptures; Religions; Inspiration

Introdução

Habitamos em um mundo de diversidades religiosas, de expressões e diversas crenças, Deus não criou nem um ser igual ao outro, tanto humanos como na natureza, ninguém no mundo tem a mesma impressão digital, o mesmo DNA, isto nos torna únicos e diferentes uns dos outros em certo sentido, porém por sermos únicos não indica que devemos ser individualistas e não convivermos em harmonia social e religiosa.

Vivemos no mundo com nossas diferenças e as mesmas nos completam, nos unem, não nascemos para vivermos isolados do mundo, temos nossas particularidades, porém o conjunto nos completa, cada ser humano tem seu livre modo de pensar, de crer e configurar Deus em sua vida religiosa, certo ou errado, mesmo que não concordemos com outros modos de configurar Deus, elas estão no mundo, o que faremos então com tantas diversidades religiosas?

Em vista disto procuro demonstrar neste artigo, que embora existam inúmeras Escrituras Sagradas no mundo, muitas formas de configurar Deus, percebe-se que o Divino Mistério está em todas religiões e em suas diferenças, manifestando de muitos modos seu único mistério.

Visa demonstrar como o Espírito cósmico de Jesus age nas religiões do mundo, influenciando suas Escrituras Sagradas a fim de revelar o rosto Salvador de Deus através de sua multiforme sabedoria e graça, se o Espírito é cósmico então ele sopra onde deseja pois não tem povo especial, Ele se revela dentro ou fora do lugar comum, se revela no subjetivo, no sagrado.

Mostrará que há muitos indícios de profetas fora das cercanias de Israel, a exemplo do profeta Balaão como também os textos Sagrados Sibilinos, provando que Deus levanta profetas onde deseja, não há povo especial de Deus todos são especiais a Ele, o Divino a todos acolhe em sua graça.

A inspiração destes textos Sagrados não é “ditado” de Deus, como que um transe, um êxtase, uma psicografia, ainda que pode acontecer, dentre muitas coisas a inspiração acontece na história da humanidade, no contexto em que vivem e na comunidade que estão inseridas.

A Escritura tem seu caráter comunitário, tal caráter histórico vivido e registrados em seu dia a dia por pessoas comunitárias, Jesus como um bom cidadão viveu neste contexto humano alcançando a plenitude da divindade em contexto humano, ratificados em sua vivência qualitativa e não quantitativa.

Também procura-se apresentar neste artigo que esta plenitude de Jesus não é um esgotar do mistério divino, seria impossível para Jesus em forma humana esgotar o mistério que é Deus, a plenitude

da qual falamos não é quantitativa mais qualitativa, isto é perceptível e observadas em Jesus através de seu exemplo de vida, sua santidade, sua humanidade etc. No seu caráter revelam sua plenitude qualitativa, isto demonstra que às qualidades de Jesus o torna num sentido próprio, o ponto mais alto da palavra revelada².

Ninguém em forma humana pode iguala-se o que Jesus foi, ele é o mediador de uma nova aliança com os homens, o mediador entre Deus e os homens, sendo, o homem Jesus o Cristo, não significa que não haja outros mediadores e sim que ele é a fonte de toda mediação.

O que importa aqui não é quais são as verdadeiras Escrituras inspiradas por Deus e sim como o Cristo cósmico se manifesta nestas Escrituras Sagradas das religiões. É o que veremos neste artigo que tem como livro base a obra de “Jacque Dupuis, o cristianismo e as religiões – do desencontro ao encontro” o qual abordará o tema da presente questão: As Escrituras Sagradas das outras religiões.

Que Deus nos ajude e nos inspire a escrever de modo sadio, sem preconceitos negativos, que possamos ver às outras formas de Deus se manifestar em outras culturas e religiões e como seus livros Sagrados podem manifestar de múltiplas formas este singular mistério que é o Cristo Cósmico em vós, esperança da glória.

1. A quem pertence o carisma profético

Desde muito tempo houve-se falar em carisma profético, homens e mulheres empoderados por um mover espiritual que os capacitavam, e ainda hoje, a transmitir a vontade do Divino em linguagem humana, através deste mover espiritual, Deus revelava seus desígnios aos profetas e estes alertavam a nação conforme às palavras recebidas de Deus.

É de costume ao pensar em profetas, fixarmos nossos pensamentos nas cercanias de Israel, como se Deus tivesse falado somente dentro de suas fronteiras não tendo mais nada que falar fora dali, isso talvez pelo fato de estarmos sobremodo enraizados nas histórias bíblica cristãs, principalmente do Antigo Testamento, nos prendemos ao texto da bíblia a ponto de cegarmos nossos olhos, ficando desta forma, a grosso modo, impossibilitados e míopáticos, não saindo do texto bíblico em direção a outros contextos fora das cercanias de Israel.

É importante pensar que havendo um desprendimento das raízes bíblicas e judaicas estaremos abertos para contemplarmos

² DUPUIS, 2004

novos horizontes, fora dos muros, quando digo desprendimento das raízes judaicas ou cristãs, não digo um abandono do que cremos e sim um esticar de nossas raízes, como que um elástico que forçamos ao máximo, porém tendendo a voltar na sua forma original, esta volta não é um voltar simplesmente de modo cansativo e vazio, muito mais, é sim um voltar com novas experiências, carregadas de significados, reinterpretações, saber etc.

Feito isto perceberemos que o carisma profético não é e nunca será exclusividade de um povo “Israel” como que se Deus tivesse alguém especial e se agradao em uma só nação para manifestar sua revelação, os mistérios divinos transcendem às fronteiras de Israel a ponto de percebermos que o carisma profético não foi e não é um privilégio exclusivo desta nação ou de qualquer outro povo que tente individualizar as manifestações do único mistério que é Deus, o Mistério é mais que as nossas maneiras de configurarmos Deus em nossas mentes, sim é válido esta configuração, porém o que a desqualifica é encerrar o Mistério em um povo ou em uma cultura específica.

O Mistério do Divino é cósmico prova que podemos encontrar indícios no próprio texto bíblico judaico-cristão, situado no livro de Números capítulos 23 e 24, onde pode-se ler quatro oráculos de Balaão, estes foram reconhecidos como profecias autênticas oriundas de Deus, especificamente podemos ler, “Então o Senhor pôs a palavra na boca de Balaão, e disse: Torna-te para Balaque, e assim falarás” (Nm 23,5).

Se Deus colocou suas palavras na boca de Balaão, é certo então que este é profeta, por transmitir às palavras do Divino aos homens, outro texto que comprova a existência proféticas fora dos limites de Israel, são os oráculos Sibílinos, anteriores a Cristo, este foi o nome dado à algumas coleções proféticas originadas das “Sibilas ou Seeresses”, eram considerados livros inspirados por Deus, a maior parte deles são da Grécia e existem registros que estes oráculos eram realizados por volta de 500 a.C.

Na antiguidade, em tempos de crises, estes livros foram guardados no templo de Júpiter Capitolino para serem consultados acerca da vontade de Deus, sabe-se que existem pelo menos dez oráculos e alguns ainda vão mais além afirmando ter pelo menos treze livros Sibílinos.

Já é fato que os oráculos Sibílinos tiveram parte nas formações religiosas no período helenístico e judaico, em Alexandria em meados do segundo século a.C estes formulários foram atribuídos às Sibílinas, circularam entre os pagãos como um meio de difusão de doutrinas judaísticas perdurando até tempos cristãos.

Vale lembrar o “Vedanta” significa, “a culminação ou a essência dos vedas”, considerada uma das Escrituras Sagradas mais antigas da Índia e nestes destacam-se os “Upanixades”, que fazem parte dos ensinamentos que estão compostos na parte final dos Vedas.

Historiadores acreditam que existiam pelo menos quatro livros Vedas e teriam sido compilados entre os anos 1500 - 900 a.C, são eles: Vedas RigVeda, Veda Yajurveda, Veda Samaveda e Veda Atharvaveda, estes textos trazem os principais conceitos e símbolos do hinduísmo, acerca de seus deuses, lendas e ensinamentos que dão forma e unidade a religião.

Tal é a antiguidade desta cultura Indo, de onde se originaram os Vedas, que Santoro que escreve que “há cerca de 3500 anos, às comunidades na região do vale do Indo, atual norte da Índia, começaram a organizar um dos sistemas religiosos mais antigos de que temos notícia”: acredita-se que já por volta de 1.500 a.C já havia escritos Vedantas, alguns os colocam nos anos 800 e 300 a.C.

Sabe-se que estas crenças dos Vedas suas transmissões orais duraram séculos e gerações até terem suas escrituras gravadas em livros, percebe-se nestes textos uma riqueza de compilações de hinos e preces tida por muitos como o primeiro livro sagrado da história veda, mais de 1 bilhão de pessoas consideram estes materiais Sagrados e porque não dizer inspirados? Neles podem ser percebidos a pluralidade de suas concepções religiosas e crenças monoteístas, politeístas, panteístas, estão integrados e amalgamados na mesma religião.

Historiadores acreditam que a primeira versão dos Vedas em papéis datam do século 2 a.C quando o povo hindu desenvolveu um sistema de escrita, não há questionamentos quanto à inspiração destes textos, são considerados como textos da revelação por excelência, Raimon escrevendo acerca da manifesta expressam que é uma das mais belas manifestações do Espírito e estão registrados nos livros sagrados dos Vedas, são transmitidos aos sábios que eles chamam de (rishi) pelo “sopro” do Absoluto³.

Como fechamento, ainda na figura de Maomé, 570-610 d.C - Meca, iniciador do islamismo ou islã, “submissão”, diz a história que Maomé se encontrava dormindo em uma caverna na Arábia, comerciante, com aproximadamente 40 anos de idade, segundo a tradição o Arcanjo Gabriel apareceu a ele mandando recitar coisas divinas, estas experiências espirituais foram aproximadamente 23 vezes e deram origem ao Alcorão, livro sagrado do islamismo.

³ PANIKKAR, 2003

A mensagem de Maomé está centralizada na devoção ao Deus único “Alá”, Maomé batalhou contra as injustiças e violências que levavam crianças a morte, defendia os pobres contrariando classes dominantes.

Infelizmente o profeta não pode ver sua obra acabada pois o Corão não foi concluído em sua forma final ainda quando o profeta vivia, com sua morte tudo o que tínhamos dos seus escritos eram muitos fragmentos de suas revelações espalhados e gravados em pedras, alguns estavam em ossos e em folhas de palmeiras, a conclusão do livro veio a se concluir-se somente em 644-656 d.C no período do reinado de Califa Omã, cerca de 40 a 46 depois da morte de Maomé.

2. Maomé profeta? Corão livro sagrado e inspirado?

Robert Charles Zaehner ao falar acerca de Maomé diz que há tempo ele vem sendo considerado um profeta autêntico e ainda mais se compararmos o AT com o Corão perceberemos que é impossível ler os dois livros Sagrados, um ao lado do outro, sem notar a igualdade de que é o mesmo Deus que fala em ambos os textos Sagrados visto que suas acentuações proféticas são inconfundíveis⁴.

Reconhecer Maomé como um profeta autêntico não causa mais espanto, para alguns teólogos cristãos, há muitos pontos parecidos entre o Corão e Bíblia cristã, dentre eles poderíamos citar o texto onde o Corão diz: “Comei tranquilos de tudo o que quiserdes, mas não vos aproximeis dessa árvore⁵”, Comparando com a Bíblia cristã: “E o SENHOR lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás⁶”.

Também pode perceber no Corão “Dize: Ele é Deus, o Único! Deus! O Absoluto! Jamais gerou ou foi gerado! E ninguém é comparável a Ele!” ou ainda “Originador dos céus e da terra! Como poderia ter prole, quando nunca teve esposa, e foi Ele que criou tudo o que existe, e é Onisciente? Tal é Deus, vosso Senhor! Não há mais divindade além d’Ele, Criador de tudo! Adorai-O, pois porque é o Guardião de todas às coisas. Os olhares não podem percebê-Lo, não obstante Ele Se apercebe de todos os olhares, porque Ele é o

⁴ ZAEHNER, 1970

⁵ Q2: 35

⁶ Gn 2,16-17

⁷ Alcorão 112

Onisciente, o Sutilíssimo⁸”.

Como se percebe a semelhança entre os textos são inquestionáveis razão que muitos teólogos reconhecem a importância de Maomé e seu carisma profético, talvez não é viável considerar o Corão cabalmente como palavra autêntica de Deus, ainda é motivo de muitos debates em vista de conterem nele muitos erros e maneiras de conduta questionáveis, mais devemos ter ciência de que o fato de o Corão conter erros não o invalida de encontrarmos nele também palavras de Deus, transmitidas através de Maomé tendo em vista que as escrituras cristãs também contém erros.

Os mistérios e às revelações de Deus são perfeitas, lembrando que na medida que este mistério e revelação se reproduz em um contexto humano ela passa a ser passiva de erros, não por serem imperfeitas e sim por serem interpretadas por pessoas imperfeitas, porém nada disso tira sua verdadeira essência, as porções da verdade.

Afirmando que tais revelações são de Deus não significa que não possa falhar, pois o alvo da revelação é o homem e como dito acima esta revelação assenta-se de modo perfeito sobre os imperfeitos, nos erros humanos o Divino manifesta sua perfeição, não é pelo erro e sim no erro humano fica patente que Ele age por traz de tudo demonstrando que o que importa não é a isenção do erro e sim a intenção de através dos acertos e erros manifestar a perfeição do Divino.

3. O problema das sagradas escrituras

Quando falamos de sagradas escrituras a primeira imagem que nos vem à mente é a bíblia sagrada dos cristãos, isso porque nos é comum considerar somente o texto bíblico cristão como palavra de Deus e os outros livros Sagrados como escritos heréticos ou não inspirados por Deus, podendo ou não conter uma moral de vida.

Foi esta questão que impulsionou Jacques Dupuis à busca por uma palavra de Deus nos livros Sagrados das outras religiões, o autor se expressa perguntando se há possibilidade de teólogos aceitarem os textos Sagrados de outras religiões como palavras de Deus, sendo positivo a resposta, qual é o modo de que ela é palavra de Deus? A resposta está na distinção entre o que seria revelação divina, profetismo bem como Sagradas Escrituras, muito embora revelação e profetismo são expressões uníssonas e inseparáveis⁹.

⁸ Alcorão 6:101-103

⁹ DUPUIS, 2004

Estas questões da revelação e do profetismo começam a dar pequenas pistas de aceitação entre religiosos e teólogos, uma ferramenta imprescindível para esta aceitação e seu avanço está no diálogo ecumênico e inter-religioso, os mesmos revelarão onde está a problemática, pouco é das revelações e dos profetismos, e sim a aceitação se pode ser considerado livro Sagrado e inspirado por Deus.

Os escritos Sagrados foram construídos em um contexto humano, isto engloba desde sua espiritualidade, cultura e sociedade, como um terreno aonde acontece os mistérios da revelação de Deus, estes livros Sagrados, incluindo a Bíblia cristã, é um livro tanto humano como Divino por conterem coisas explicáveis e humanamente inexplicáveis.

Na esfera Divina a revelação permanece inerrante, na esfera humana é passiva de erros, deve-se ter em consideração que estes erros humanos não os desqualificam os livros Sagrados tidos como portadores dos mistérios e da revelação do Mistério, bem como os caminhos que apontam para a salvação.

Neste mesmo pensamento Dupuis percebe que o problema já não se concentra na veracidade do que é revelação ou profetismo e sim na questão das escrituras Sagradas, se são ou não transmitidas por Deus, ainda diz que na visão das escrituras cristãs se preservam memórias e interpretações revelados pelo Divino e seus registros são inspirados pelo Espírito, uma afirmação clara de que Deus é o influenciador pessoal e direto das Sagradas letras¹⁰.

Em toda história bíblica, em especial nos dias do cristianismo, carregar um livro que afirmamos ter nele às palavras do Divino, empoderam pessoas a utilizarem a Bíblia como uma varinha mágica, despertando o lado místico da coisa a ponto de alguns cristãos afirmarem ser a Bíblia, a única fonte das palavras pronunciadas por Deus.

Na visão Cristiana a Escritura Sagrada é a palavra de Deus deixada aos seres humanos, de fato é, porem ela é única norma de regra e fé? através dos quais devemos à obediência? Ou ela é única para quem a segue? Creio que ela é palavra de Deus aos seres humanos em palavras humanas, isto torna o divino e o humano autores de uma mesma palavra, conforme Dupuis:

A sagrada escritura é “a palavra de Deus nas palavras dos seres humanos” como Deus é o seu autor, não pode ser reduzida a um discurso

¹⁰ DUPUIS, 2004

humano sobre Deus, ela é uma palavra dirigida por este aos seres humanos. Contudo, como o ser humano também é seu autor, essa palavra dirigida por Deus aos seres humanos é uma palavra autenticamente humana, no final das contas, a única palavra que os seres humanos poderiam compreender¹¹.

Não que discordamos com às colocações afirmadas acima, no que diz respeito ao fato de ser a Bíblia palavra de Deus e livro Sagrado, o que cabe aqui é o cuidado em supervalorizar o texto Bíblico cristão em detrimento das Escrituras Sagradas das outras religiões, a ponto de não reconhecermos nos outros escritos sagrados uma palavra de Deus ou até mesmo uma inspiração pelo Divino, isso pode ser preconceito religioso e gerar intolerância.

O diálogo inter-religioso continua sendo uma ponte de suma importância para conhecermos que o outro lado da moeda, a efigie pode mudar, porém todas tem seu devido valor, este diálogo ecumênico e inter-religioso é o viés que visa apaziguar esclarecendo a compreensão de uma sociedade plural, tornando-a unida com suas diferenças, na pluralidade encontramos a unidade “ E eu dei-lhes a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um”¹².

Para se aceitar as diferenças de crenças é necessário entender a sociedade em meio ao um contexto plural e a formas que configuram Deus, nesta pluralidade Deus se revela na unidade em meio aos variados tipos de religiões e crenças, tendo o direito a auto expressão com respeito mútuo, desta forma será estabelecida uma dimensão e uma cultura comum tendo como base um sincero diálogo religioso que vise ir além da mera tolerância e coexistência pacífica¹³.

O diálogo inter-religioso é a ponte sobre as águas do teólogo para ministrar em sociedade, cabe a ele ser flexível, buscando nas Escrituras Sagradas das outras religiões fragmentos das palavras de Deus e indícios de como Jesus se manifestam nelas, sempre tentando aperceber-se da latência do nome de Jesus e como o Cristo cósmico age através delas para a salvação de todos.

4. O Conceito de Inspiração

Em relação ao cristianismo, para escudar a autoridade da

¹¹ DUPUIS, 2004, p. 342

¹² Jo 17, 22

¹³ AMALADOSS, 1996

palavra de Deus como inspirada, a teologia cristã se recorre ao termo “inspiração” o que falaremos abaixo: “Toda a Escritura é inspirada por Deus (θεόπνευστος-Theópneustos) e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (2Tm 3,16). Este versículo é chave de defesa para muitos se escudarem na Bíblia como única fonte de inspiração Divina, menosprezando às demais Escrituras Sagradas das outras religiões, como cristão não estou desvalorizando o texto bíblico, porém há muitas controvérsias acerca deste versículo como veremos a seguir:

5. O significado de inspiração

Não é fácil dar um significado exato ao substantivo “inspiração” em vista de suas muitas variações, na antiguidade este termo foi usado com diversos significados, tanto físicos como metafóricos, seculares e religiosos, em vista das suas multiplicidades multiplicam-se suas aplicações, os quais acabam por alcançarem um uso relativamente lato e variado.

A palavra grega para inspiração é (θεόπνευστος-Theópneustos) que poderíamos traduzir de diversas formas, as mais comuns são: “Inspirado por Deus, Inspirado de Deus, soprado por Deus, sopro de Deus, respiração de ou fôlego de Deus” etc.

Uma definição simples de modo aplicada para inspiração poderia ser citada da seguinte forma: Uma influência sobrenatural transcendente exercida nos escritores sagrados, através do Espírito de Deus que os impulsiona a escrever as palavras divina.

6. Problemas teológicos com 2Tm 3.16

1º Problema: “Toda Escritura é inspirada por Deus”, alguns teólogos mais conservadores não concordam com esta tradução em vista de se acrescentar o verbo “é” o qual da margem para afirmar que todas às escrituras são inspiradas por Deus, inclusive as Escrituras Sagradas das outras religiões.

Nesta visão uma melhor tradução seria traduzir como: “toda escritura divinamente inspirada” ou “toda esta escritura divinamente inspirada é” ou ainda “toda esta escritura é divinamente inspirada”, então nestas expressões estaríamos afirmando que somente a bíblia é a palavra de Deus inspirada. Quanto a inspiração Warfield escreve:

A palavra grega representada por ela [inspirado ou soprado por Deus] e que aparece nesta passagem [2 Tm 3:16] como um epíteto ou predicado de

‘Escritura’ – theopneustos – embora ocorrendo somente no Novo Testamento e não encontrada antes em nenhum ponto em toda a literatura grega [...], não pareceu ser de interpretação duvidosa. Sua forma, seu uso posterior, as implicações dos termos paralelos e a analogia da fé se combinaram com as sugestões do contexto para atribuir-lhe um significado que tem sido constantemente atribuído a ela a partir do primeiro registro de interpretação cristã até estes dias¹⁴.

2º Problema: A palavra grega usada nesta passagem para expressar inspiração (θεόπνευστος), para alguns não pode significar¹⁵ “inspirado de, ou, por Deus” em vista de ser esta frase uma tradução do latim “divinitus inspirata” da Vulgata, e não tirada do que o original grego e ainda mais, Almeida não traduziu este termo de uma maneira apropriada fiel ao original, “divinamente inspirada” esta tradução não está como diz o grego do NT e sim se aproxima como um a paráfrase, porém nada que desqualifique o texto.

A expressão grega (θεόπνευστος), não tem a ver com inspiração ou de inspirar, uma tradução literal e fiel que mais se aproxima ao texto original, seria algo como que (respiração) ou (exalado por Deus) como um “sopro” criador de Deus, e não que seja “inspirado por Deus” as Escrituras Sagradas é produto da ação e misericórdia Divina construída na história humana conforme suas culturas, não tendo pretensão de explicar como Deus operou para as traduzir.

Não estamos dizendo com isto que seja pecado usar o termo “inspiração” e sim que indiferente dos termos latim e grego, o que se deve é utilizar o texto Sagrado para a promoção da vida e não como motivos tendenciosos de única inspiração.

Cheung analisando a maneira de traduzir (θεόπνευστος), confirma que há unanimidade que a palavra não signifique “inspiração” quando aplicada na teologia, porém de modo amplo ela nos ensina onde está a origem e a razão da escritura¹⁶.

Quão dificultoso é conceituar o termo “inspiração” há um largo debate nesta questão, ficamos tanto presos aos conceitos, que tem sua devida importância, que nos esquecemos da fonte de toda

¹⁴ WARFIELD, 2009, p. 196

¹⁵ http://www.monergismo.com/textos/bibliologia/conceito-biblico/inspiracao_warfield.pdf

¹⁶ CHEUNG, 2001

inspiração, vale lembrar sem “Ele” não teríamos dimensão social nem existiria texto Sagrado, O Espírito de Deus.

Assim como a profecia é de suma importância para guiar o povo nos caminhos de Deus a inspiração também o é nos textos sagrados, temos uma grande falha, em especial de teólogos tradicionais, ao falar das Escrituras não mencionam a função peculiar do Espírito no processo da inspiração, esta compreensão é a chave para uma abertura receptiva dos Escritos Sagrados das outras religiões¹⁷.

Isto não indica que se resolveria todos nossos problemas teológicos, porém ao voltar a essência do Espírito, dando total atenção a sua função peculiar na influência nas religiões e suas Escrituras Sagradas, creio que preencheríamos muitos vácuos em nossa teologia hodierna, como também poderíamos encontrar o Cristo cósmico latente a nós nas outras Escrituras Sagradas percebendo o que o Espírito pode nos transmitir nelas “Pois que a profecia jamais veio por vontade humana, mais os homens impelidos pelo Espírito Santo falaram da parte de Deus” (2Pe 1, 21).

7. A contribuição da comunidade na formação das sagradas escrituras

A Bíblia é o livro da comunidade cristã endereçada a comunhão da igreja, sua importância tem a mesma intensidade que o Espírito tem para a inspiração, às Sagradas Escrituras é de suma importância para as bases dos ministérios da igreja junto com a comunidade, visto que ela é o arquétipo da “*homusia ton ekklesia-essência da igreja*”, às Escrituras nos ministérios da igreja, são bases constitutivas na comunidade reunida bem como é a parte principal para a firmeza da igreja¹⁸.

O texto bíblico não foi escrito com dedos divinos em letras de ouro reluzentes, pelo contrário, o corpo histórico das Sagradas Escrituras foi sendo construídas nas pequenas aldeias e fortalecendo-se à medida que se desenvolviam e aos poucos, tornavam-se grandes comunidades religiosas.

A inspiração das Escrituras não pode ser somente o fato de alguém estar em êxtase escrevendo o abscondido, a inspiração também não exige que estejamos conscientes de estarmos escrevendo impulsionados pelo Espírito, deve-se ter em mente que estes carismas das Escrituras estão acima de qualquer autor, até dos

¹⁷ DUPUIS, 2004

¹⁸ DUPUIS, 2004

textos bíblicos, estes tradutores por muitas vezes foram redatores e organizaram tradições, tanto oral como escritas, e é fato que eles recebiam de outros¹⁹.

A questão aqui não é a consciência de estar escrevendo de modo inspirado às Sagradas Escrituras e sim que estes textos, conscientes ou não, fazem parte de uma história de vida das comunidades e que de algum modo presenciaram ou sentiram algo Divino, talvez é o que Rudolf Otto chama de “Tremendum – misterioso” o “tremendum” se obtém desse “receio” ela se baseada na sensação do “misterioso” ou algo espantoso prestes a acontecer, ela emerge da sensação estranha e nova nos ânimos da humanidade primitiva de onde partiu toda a evolução histórico religiosa²⁰.

Tendo ciência deste caráter social das Escrituras Sagradas e sabendo que Deus se revela na cultura, conclui-se que há inúmeras formas de manifestações Divina do “Mistérium” para diversas culturas, às quais tornaram-se em textos Escritos e Sagrados tendo em mente que a revelação não depende do texto e sim ela se dá no contexto da sociedade, revelando-se na cultura local tornando-se texto Sagrado para ser registrado.

Falando acerca do caráter social das Escrituras Sagradas como elas acontecem nas tradições e como conduzem os seres humanos a experiências no Espírito, Dupuis expressa:

Podemos, portanto, afirmar que o caráter social das sagradas escrituras das nações foi desejado por Deus. Tais escrituras representam o legado sagrado de uma tradição- em- devir, não sem a intervenção da providência divina. Elas, contêm, nas palavras dos profetas, palavras de Deus aos seres humanos, pois transmitem palavras pronunciadas secretamente pelo Espírito em seus corações que são humanos, mais também palavras destinadas pela providência divina a conduzir outros seres humanos e experiência do próprio Espírito²¹.

Desta forma cada texto sagrado tem sua forma particular escrita para expressar sua experiência local e cultural com a divindade, sendo assim como a teologia cristã poderia estreitar este caminho com às outras religiões a ponto de reconhecerem suas Escrituras Sagradas e encontrar nelas uma palavra de Deus,

¹⁹ DUPUIS, 2004

²⁰ OTTO, 2007

²¹ DUPUIS, 2004, p. 344

inspirada pelo Espírito Santo? E de que modo essa palavra pode ser considerada palavra de Deus?

Vejamos o discurso do Papa Francisco acerca dos atentados em Paris “O Papa Francisco expressou sua “profunda dor” após os atentados em Paris e insistiu que usar o nome de Deus para justificar a violência e o ódio é “uma blasfêmia “Quero reafirmar que o caminho da violência e do ódio não resolve os problemas da humanidade, e que usar o nome de Deus para justificar esta voz é blasfêmia!”, ressaltou²²”.

Usar a bíblia ou livros Sagrados para legitimar violência é tornar a “letra” mais importante do que a palavra de Deus, podemos dizer que só pode ser e dever ser palavras de Deus, quando usamos os “textos sagrados” para a promoção e valorização da vida, o Deus que criou a vida não é o Deus que manda matar em razão da letra do livro.

A essência aqui não é a transmissão da letra e sim a verdade contida por traz dela, a maneira de interpretação, a mensagem que o texto transmite deve ser a transmissão do Deus que promove a vida e em abundância “O ladrão não vem senão a roubar, a matar, e a destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância”²³.

8. O espírito cósmico de cristo age na pluralidade das religiões evidenciando de muitos modos o único mistério de deus

Os mistérios de Deus, não tem cor, raça, posição social e nem religião, Deus não tem partido político, não pertence a ninguém, nós pertencemos a Ele, não possuímos a verdade de Deus e sim somos do Verdadeiro conhecendo parte da verdade.

O que de Deus se conhece é limitado e abscondido aos humanos, a verdade do Divino Mistério é uma incógnita do ponto de vista natural humano, a verdade que conhecemos são versões humanas, então quem possui a verdade visto que em partes conhecemos e em parte profetizamos? “Pois o nosso conhecimento é limitado, e limitada é a nossa profecia, mais quando vier a perfeição, o que é limitado desaparecerá”²⁴.

O Deus multiforme tem se manifestado de muitos modos para alcançar a todos com sua graça, “Muitas vezes e de modos diversos

²² Acesso em: 15 de out. 2016

²³ Jo 10, 10

²⁴ 1Co 13, 9-10

falou Deus, outrora, aos Pais pelos profetas; agora nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio de seu filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e pelo qual fez os séculos”²⁵.

Este Deus que não tem limites ou regras únicas de manifestações, como caberia em uma única revelação? Ou em um único livro sagrado? Este Deus que é capaz de manifestar-se de muitos modos seu único Mistério, como ficaria preso a um singular contexto do cristianismo?

Para parafrasear estas palavras, Deus não tem religião Ele é pura essência para os que creem nele, Deus simplesmente é e não precisa ser explicado, quando explicar o Mistério que é Deus então deixa de ser Deus, por isto temos religião para tentarmos estar religados ao Mistério, mesmo não tendo explicação do que é Deus, “As religiões são caminhos diferentes convergindo para o mesmo ponto e que importância faz se seguimos por caminhos diferentes, desde que alcancemos o mesmo objetivo?”²⁶.

O Espírito de Deus sempre agiu e age através das Escrituras Sagradas das religiões, para que seu único Mistério seja manifestado a todos os seres humanos, sem distinção de títulos e subtítulos sagrados, como se Deus pertencesse à algum partido em especial.

As experiências com o divino não são experiências das religiões e sim nas religiões, eu faço experiência do mistério no meu ambiente religioso, não necessitando abandonar meu ponto de vista para experienciar o Mistério, não digo do ponto de vista negativo, do não dialogar com outras religiões, e sim, saber que não é preciso me demover das minhas bases e firmezas todas vezes que preciso de um contato com o divino, visto que estas experiência não são experiências somente no humano e sim muito mais no Espírito, se é no Espírito então cada um individualmente, no seu ambiente religioso pode ter este contato com o divino como expressa Dupuis:

A experiência pessoal do Espírito por parte dos profetas, enquanto é, por providência divina, uma abertura pessoal de Deus às nações, documentada de modo autêntico em suas sagradas escrituras, é uma palavra pessoal que Deus dirige a elas através de intermediários escolhidos por Ele²⁷.

Agora, conforme a citação acima, surge um problema pois ao falar de intermediários e mediadores logo confrontamos com o texto

²⁵ Hb 11, 1

²⁶ Mahatma Gandhi

²⁷ DUPUIS, 2004, p. 344

das sagradas escrituras cristã: “Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem”²⁸.

Como sendo Jesus o único mediador pode abrir portas para outros mediadores? Não estaríamos dizendo e dando abertura que há outros tipos de Jesus em outras religiões, não estaríamos caindo no erro de afirmar até em reencarnações de Jesus?

Por certo não: Pois se estamos falando de um mediador cristão, ou seja, Jesus, estamos falando do mediador dentro das fronteiras da bíblia e não extra bíblicas, da mesma forma é um hinduísta ou um maometista, seus mediadores são pensados dentro de suas culturas, pensar em outro mediador fora dos seus contextos escritos e experienciais seria impossível, quando não olhado do ponto de vista do Cristo cósmico.

Talvez o correto seria pensar com que nome Jesus se aparece nas outras religiões e seus livros sagrados, visualizando sempre a operação do Espírito no Cristo cósmico no evento Cristo, que abrange tudo em todos, de muitos modos e maneiras de manifestações.

Talvez a saída cristã para este versículo seja analisar com mais cautela o texto original, como faremos: “Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem”, “εἷς γὰρ θεός, εἷς καὶ μεσίτης θεοῦ καὶ ἀνθρώπων, ἄνθρωπος Χριστὸς Ἰησοῦς”²⁹.

O adjetivo, (εἷς, um) é numeral, cardinal, nominativo, masculino, singular, apontando realmente para algo que é único, ou seja, o mediador, porém a ênfase aqui não está na quantidade de mediadores, mais quem é o mediador. O texto de Timóteo aponta que este mediador perpassa e está em três fases ou estados:

Primeira fase: O homem (*ἄνθρωπος* - anthrôpos) substantivo, nominativo, masculino, singular, homem aqui (anthrôpos) tem sentido genérico e pode indicar pessoa, masculino ou feminino ou ser humano etc. Note que o mediador, primeiramente, sua condição está na ênfase de humano comum, igual a todos, “Porque foi subindo como renovo perante ele, e como raiz de uma terra seca; não tinha beleza nem formosura e, olhando nós para ele, não havia boa aparência nele, para que o desejássemos”³⁰.

Segunda fase: Cristo (*Χριστὸς*) substantivo, nominativo, masculino, singular. O foco deixa de ser o humano (*ἄνθρωπος*), estado natural, para ser o Divino Cósmico, ou seja, o Cristo

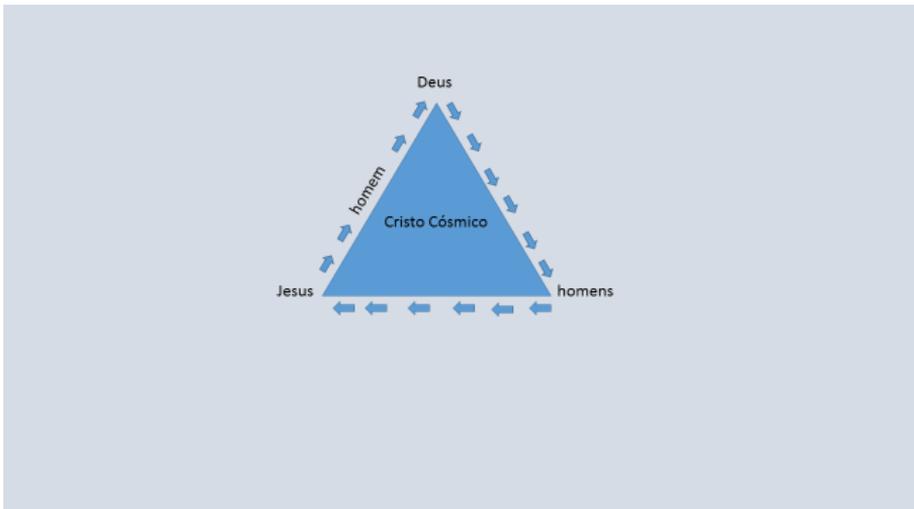
²⁸ 1Tm 2,5

²⁹ 1 Tm 2,5

³⁰ Is 53, 2

(Χριστὸς) Cósmico, que está acima de todos e em todos, “Procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz, há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos vós. Mas a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo”³¹.

Terceira fase: Jesus “*Ἰησοῦς*”, substantivo, nominativo, masculino, singular, este é o nome humano do Cristo que identifica-o como aquele que deveria ser salvador da humanidade, o substantivo Jesus “salvador” é colocado neste versículo para concluir a ideia da ligação mediadora entre Deus e os homens, começando pelo (anthropos), “homem comum” mediando até o “Cristo cósmico” e como completude triangular desta mediação é culminado na sua ordem completa no “Jesus homem”, tal qual um triangulo que representaria muito bem esta ideia mediadora, conforme o gráfico abaixo...



A ideia é, se o Cristo é cósmico, sendo o centro e razão de tudo, todas as coisas convergem nele, é sinal que Cristo é o único Mistério o qual age através do Espírito de Deus influenciando às Escrituras Sagradas das, e nas religiões tornando-as de certo modo palavras inspiradas através desta energia do Espírito, porém deve-se tomar cuidado com uma interpretação demasiadamente rigorosa como bem expressa Dupuis:

³¹ Ef 4. 3-7

Essa palavra pode ser chamada num sentido real, de palavra inspirada por Deus”, conquanto que não se de uma interpretação demasiadamente rigorosa do conceito e que se leve suficientemente em conta a influência cósmica do Espírito Santo³².

Esta influência cósmica do Espírito, agindo por trás dos holofotes, quase que esquecido pela teologia, vai nos guiar a uma plenitude da revelação, ainda que em partes, pois em forma humana e carnis limitados, até mesmo glorificados, não é possível esgotar todo o mistério que é Deus (DUPUIS, 2004) é o que veremos...

9. A plenitude da revelação em Jesus Cristo

“Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias a nós nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e por quem fez também o mundo”³³.

O Eterno nunca deixou de se comunicar com a humanidade, sempre se utilizou de meios naturais e sobrenaturais para expressar sua vontade aos seres humanos, levantou videntes, profetas e mediadores, como também se comunica através das coisas criadas “porquanto o que de Deus se pode conhecer neles se manifesta, porque Deus lho manifestou, porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder como a sua divindade, se entendem e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis”³⁴.

Deus sempre encontra meios de se comunicar com os humanos, porém estas comunicações, ainda que vindas de Deus, tem suas limitações nos seus transmissores, Jesus foi a maior aposta de Deus à humanidade a fim de que cumprisse toda a vontade de Deus e desta forma a humanidade se aproximasse do Pai.

Depois de haver Deus falado de várias formas e de muitas maneiras, nos últimos dias nos falou através do seu filho a quem enviou para que se cumprisse nele a “plenitude da revelação”, porém em que sentido Jesus Cristo é a plenitude da revelação? E em que consiste verdadeiramente esta revelação?

Primeiro: esta plenitude da revelação não é a palavra escrita da

³² DUPUIS, 2004, p. 344

³³ Hb1, 1- 2

³⁴ Rm 1,19-20

bíblia, em especial o novo testamento, o NT é a palavra escrita, um testemunho dos fatos ocorridos, um registro oficial no qual prova que a bíblia é um memorial autêntico desta revelação ocorrida no passado, deve-se diferenciar do evento Jesus Cristo, pois livros e palavras humanas com letras no papel não são suficientes, nunca serão para poder conter tal plenitude infinita e inexplicável deste mistério que é o divino.

Esta plenitude de revelação se completa em Jesus e o que a plenifica são todas as qualidades expressadas nas obras de Jesus, nas palavras, na vida, na morte e ressurreição de Jesus etc. Esta palavra decisiva de Deus ao mundo está contida neste evento Jesus Cristo³⁵.

O evento Jesus Cristo não é a Escritura Sagrada, como dito acima, estas são testemunhos e memórias autênticas dos fatos ocorridos, o evento Jesus Cristo é mais que a letra da bíblia, não está limitado às páginas da bíblia ou ao texto escrito, este evento é cósmico e por isso a plenitude está no evento Cristo, na totalidade contida neste evento Jesus Cristo, nele tudo se plenifica, o resultado disto é uma constituinte revelação que continua acontecendo.

Dei Verbum (DV, n, 4) é dito acerca desta questão, onde expressa que o novo testamento pertence a tradição apostólica e que esta transmissão é normativa para a fé da igreja de todos os tempos, porém não é a plenitude da palavra de Deus, expressado em Jo³⁶.

Sabe-se então que o texto bíblico não é a plenitude e sim o evento Jesus Cristo, agora necessita-se lidar com a questão de como se deu esta plenitude em Jesus, sabendo que ele era homem, como pode tal excelência se cumprir em alguém humano e limitado corporalmente? “Pois nele habita corporalmente toda a plenitude (πλήρωμα-plerôma) da divindade”³⁷.

Antes de tentar falar como se cumpriu e se deu esta plenitude em Jesus primeiramente faz-se necessário lidar com o substantivo “plenitude” (πλήρωμα-plerôma) no contexto de Colossenses “Pois nele habita corporalmente toda a plenitude (πλήρωμα) da divindade”³⁸.

Plenitude: (grego-πλήρωμα-pleroma) este substantivo, nominativo, neutro e singular além de plenitude, também pode indicar tudo o que existe em um espaço, uma totalidade, um cumprimento ou um remendo, é do mesmo radical de (πληρώω-plerôô) que vem da raiz encher, completar, cumprir, terminar,

³⁵ DUPUIS, 2004

³⁶ Jo 21, 25

³⁷ Cl 2, 9

³⁸ Cl 2, 9

suprir, divulgar, anunciar, realizar etc.

O conceito de pleroma é ilustrado pela ideia paulina que, Cristo é o cabeça, ele assume em si o plano divino da salvação, Cristo é a cabeça do cosmo, tudo se remete a Ele³⁹, por meio da igreja que é o corpo de Cristo sendo o cabeça do mundo inteiro porque se tornou cabeça da igreja.

A base destes conceitos o que seria então dizer “Pois nele habita corporalmente toda a plenitude (πλήρωμα) da divindade?”⁴⁰. Como pode no homem Jesus conter toda a plenitude de Deus, visto que é impossível à um humano suportar tamanha glória infinita e incomensurável? Falando acerca da plenitude Dupuis expressa:

Portanto, Jesus Cristo é pessoalmente a plenitude da revelação.

Além disto, note-se que tal plenitude não é uma questão de quantidade, e sim de qualidade. É por causa da sua identidade pessoal de Filho de Deus que Jesus Cristo é, em sentido próprio, o vértice e o cume da palavra revelada. Sua consciência humana de ser o filho de Deus implicava um conhecimento imediato do seu Pai, por ele chamado com o nome de Abba. Por isso, a sua revelação de Deus tinha como ponto de partida uma experiência humana única e insuperável.⁴¹

Observa-se então que a questão de plenitude cabal em Jesus, não é uma expressão de “quantidade” e sim de “qualidade”, e porque não quantidade? Porque por mais estranho que soe aos ouvidos, Jesus era homem e não a velha história de 100% homem e 100% Deus e sim 100% homem, por isso a revelação de Jesus homem não é absoluta, até porque Jesus nunca se declarou Deus, título dado abertamente pela cristologia Joanina⁴².

A revelação de Jesus, enquanto homem, é relativa, e como se crê, sua consciência divina foi limitada na encarnação, esta colocou um limite na sua consciência divina, onde fica impossível ao homem Jesus, mesmo sendo Filho, esgotar o “mysteryum” do divino Deus, sabendo que sua consciência humana foi limitada como qualquer ser natural e se ele foi o que foi, se deu na sua devoção como servo de Deus no humano Jesus.

³⁹ Ef 1,10-29

⁴⁰ Cl 2, 9

⁴¹ DUPUIS, 2004, p. 346

⁴² BROWN, 2015

“Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou (*κενόω*-kenóô), assumindo a forma (*μορφή*-morphé), de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura (*σχήμα*-schema) humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz”⁴³.

⁴⁴Na teologia da (kenose-*κενόω*-kenóô-esvaziamento, esvaziar) entendemos que o Jesus não poderia ser humano e divino ao mesmo tempo, ele precisou se esvaziar de sua glória (*ἐκένωσεν*-ekenôsen) para se tornar 100% humano e ainda mais, não só o esvazia, mais também tomar forma servo (*μορφή*- morphé – forma, natureza, de metamorfose, morfema, transformação v7).

Primeiramente Jesus o Cristo se esvazia, toma a fôrma humana, fôrma no sentido de se encaixar em algo, a exemplo do bolo em uma forma, não é a forma que se encaixa ao bolo mais a massa do bolo, a massa do bolo, mesmo sendo a essência, é que se encaixar a forma, para que lhe de fôrma, contudo há uma cumplicidade.

Depois deste esvaziar e tomar forma ele se adapta ao modo, de vida dos humanos, expressado no v7 na palavra grega (esquema-*σχήμα*) - aparência, forma, semelhança, natureza, esquema em português o substantivo (*μορφή*) da parte (a) do v 7, “forma de servo” deixa de ser (*μορφή*) para na parte (b) do versículo se tornar (*σχήμα*-schema).

Isto tudo é para indicar a perfeita humanidade de Jesus, para não atribuir a sua vitória no mundo ao título divino de ser Filho de Deus, é para demonstrar que tudo o que ele fez e venceu foi como o homem de Nazaré, filho de José e Maria, aquele que esteve em forma e esquema humano, um humano 100% carne⁴⁵.

“O mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações; agora, todavia, se manifestou aos seus santos; aos quais Deus quis dar a conhecer qual seja a riqueza da glória deste mistério entre os gentios, isto é, Cristo em vós, a esperança da glória”⁴⁶.

Isto tira o brilho da glória do homem Jesus? De modo nenhum, isto o dignifica, mesmo sendo homem nenhuma revelação do mistério de Deus pode se igualar em profundidade àquilo que aconteceu quando o filho Divino Jesus encarnado viveu em chave humana e numa consciência humana. Esta humanidade de Jesus

⁴³ Fp 2,5-8

⁴⁴ Fp 2.5-8

⁴⁵ Is 53,2

⁴⁶ Cl 2.26-27

tendo vivido uma experiência humana, é o que nos habilita compreender, ainda que em partes, o que é dado por Deus aos homens e interpretar, ainda que em partes, em uma linguagem humana este mistério divino.

Deve-se pensar que Jesus mesmo sendo Filho tinha uma mente humana e limitada isto torna impossível Jesus homem esgotar o mistério Divino, em razão desta humanidade de Jesus é que o habilitou a interpretar o mistério de Deus à humanidade, ainda que em partes. Este mistério se consolidou ainda mais com intensidade em Pentecostes, pois o derramar do Espírito abriu a consciência dos discípulos^{47,48}.

Neste sentido compreende-se que a plenitude da divindade em Jesus não se deu em quantidade, pois Jesus era homem e sendo assim é impossível que em chave humana ele pudesse conter todo o Mistério da plenitude da divindade, a plenitude em Jesus então não foi uma plenitude quantitativa e sim uma plenitude qualitativa.

Bem expressa Dupuis quando fala da plenitude qualitativa, em sua interpretação o autor qualifica a plenitude como intensidade da revelação em Jesus Cristo, isso é que o torna sua revelação insuperável, porém não é um obstáculo para que Deus não se manifeste de outras formas e lugares, como também nas outras religiões.

Nenhuma revelação pode superar a do filho de Deus, foi única, porém Jesus não veio para colocar um ponto final na revelação de Deus, ao contrário, ele veio para dar um ponto de partida, ainda mais profundo neste abismo de silêncio misterioso que é Deus, a modo de aproximar mais o humano do Divino, esta é sua plenitude qualitativa o qual não visa esgotar o mistério divino, o que seria impossível, e sim trazer este mistério de modo qualitativo, com mais intensidade⁴⁹.

Conclusão

O Espírito Santo que estava em Jesus que o guiou a cada momento de sua vida, trazendo a consciência, de modo gradativo, sua identidade e lembrança de ser Unigênito do Pai, fazendo-o conscientizar-se de sua origem Divina, ninguém em humanidade pode superar o Mestre Jesus, ele mergulhou nas riquezas da ciência de Deus como nenhum outro.

⁴⁷ DUPUIS, 2004

⁴⁸ Luc 24,45

⁴⁹ DUPUIS, 2004

“Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Como são insondáveis os seus juízos e impenetráveis seus caminhos! Porque tudo é dele, por ele e para ele. A ele a glória pelos séculos! Amém”⁵⁰.

“Quando vier, porém, aquele, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas vindouras”⁵¹.

Não conhecemos muito deste Deus Misterioso, o que é conhecido dele é uma versão humana, embora sendo de homens que tiveram um contato admirável com o divino, contudo é uma versão humana, tudo o que sabemos em partes desta verdade é uma interpretação humana, não a sua exatidão concreta.

O que nos resta a fazer nesta vida de incertezas espirituais, acerca do Divino Mistério, é nos aprofundar na plenitude qualitativa do homem Jesus, se empoderando-se dos seus exemplos admiráveis, de modo a mergulhar nos mistérios da plenitude de Deus através da plenitude do Filho de Deus, resgatando o Jesus histórico para compreendermos o Cristo cósmico da fé. “Pois nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade”⁵².

Referências

- ALAND, The Geek New Testament. 28^o revised edition. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- AMALADOSS, M. Pelas estradas da vida: prática do diálogo inter-religioso. São Paulo: Paulinas, 1996.
- BÍBLIA, Português. A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.
- BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 1985.
- BROWN, Raymond Edward. **A Comunidade do Discípulo Amado**. São Paulo: Paulus, 2015.
- CHEUNG, Vincent. O ministério da Palavra. Publicado originalmente por: Reformation Ministries International. S.: Vida, 2001.
- DUPUIS, Jacques. O cristianismo e as religiões. São Paulo: Loyola, 2004.

⁵⁰ Rm 11,33-36

⁵¹ Jo 16,13

⁵² Cl 2,9

- DUPUIS, Jacques. Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso. São Paulo: Paulinas, 1999.
- G1.GLOBO.COM. Papa Papa diz que violência em nome de Deus é ‘blasfemia”. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/papa-diz-que-violencia-em-nome-de-deus-e-blasfemia.html>>. Acesso em: 15 de out. 2016.
- GINGRICH, F. Wilbur & DANKER, Frederick W. Léxico do Novo Testamento Grego/Português. Trad. Júlio Paulo Tavares Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 2003.
- MEUS DICIONÁRIOS. O que é Aba-pai. 2016. Disponível em: <<http://www.meusdicionarios.com.br/aba-pai>>. Acesso em: 15 de out. 2016.
- MONFERRATO C. Dicionário Teológico Enciclopédico. Tradução: João Paixão Netto e Alda da Anunciação Machado. 4. ed., São Paulo SP: Loyola, 2003.
- NESTLE-ALAND. Novum Testamentum graece. 27. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2009.
- O CONCEITO BÍBLICO DA INSPIRAÇÃO. Revista Os Puritanos, 2000. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/7799822-O-conceito-biblico-da-inspiracao-benjamin-breckinridge-warfield.html>>. Acesso em: 10 de out. 2016.
- OS VEDAS. Um livro aberto: Super Interessante. 2008. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/historia/os-vedas-um-livro-aberto/> de Santoro Acesso em: 15 de out. 2016>. Acesso em: 20 de out. 2016.
- OTTO, Rudolf. O sagrado. 1 ed. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.
- Raimon PANIKKAR. Iniziazione ai Veda. Milano: Servitium, 2003.
- SANTOS, João Alves dos. Bibliologia: Revelação, inspiração e cânon, A natureza da inspiração, parte II. Centro Presbiteriano de Pós-Graduação, Universidade Mackenzie, São Paulo, 2009.
- VEDANTA CURITIBA. Centro Ramakrishna Vedanta – Curitiba: O que é vedanta. Curitiba. 2016. Disponível em: <<http://www.vedantacuritiba.org.br/site/vedanta.html>>. Acesso em: 28 de out. 2016.